

EDUCAÇÃO

“Esquerda precisa ler mais Paulo Freire”, diz educador

FERNANDO ROSSETTI
da Reportagem Local

Falta “conectividade” às esquerdas brasileiras e isso está levando ao seu isolamento e à dificuldade de se construir um projeto alternativo para as escolas e para a própria sociedade, afirma Moacir Gadotti, 56, diretor do Instituto Paulo Freire e coordenador do 1º Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, realizado na semana passada em São Paulo.

“Paulo Freire se dizia um menino conectivo. Ele unia os pobres e os não-pobres, os oprimidos e os não-oprimidos, comprometidos com os oprimidos”, conta Gadotti. “Eu acho que a esquerda precisa ler mais o Paulo Freire, para achar um pouco mais a conectividade”, acrescenta.

Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Gadotti foi o coordenador da maior biografia sobre o mais famoso educador brasileiro (“Paulo Freire, Uma Biobibliografia”, Ed. Cortez), morto há um ano.

Hoje, está à frente de um grupo de educadores que, de formas diferentes, trabalham inspirados pelas idéias freirianas. “No fundo, ele deixou um legado de esperança, um legado de sonho, mas também uma teoria do conhecimento, uma busca rigorosa da verdade.”

A seguir, trechos da entrevista concedida durante o encontro, que reuniu por três dias cerca de 200 pessoas de 21 países.

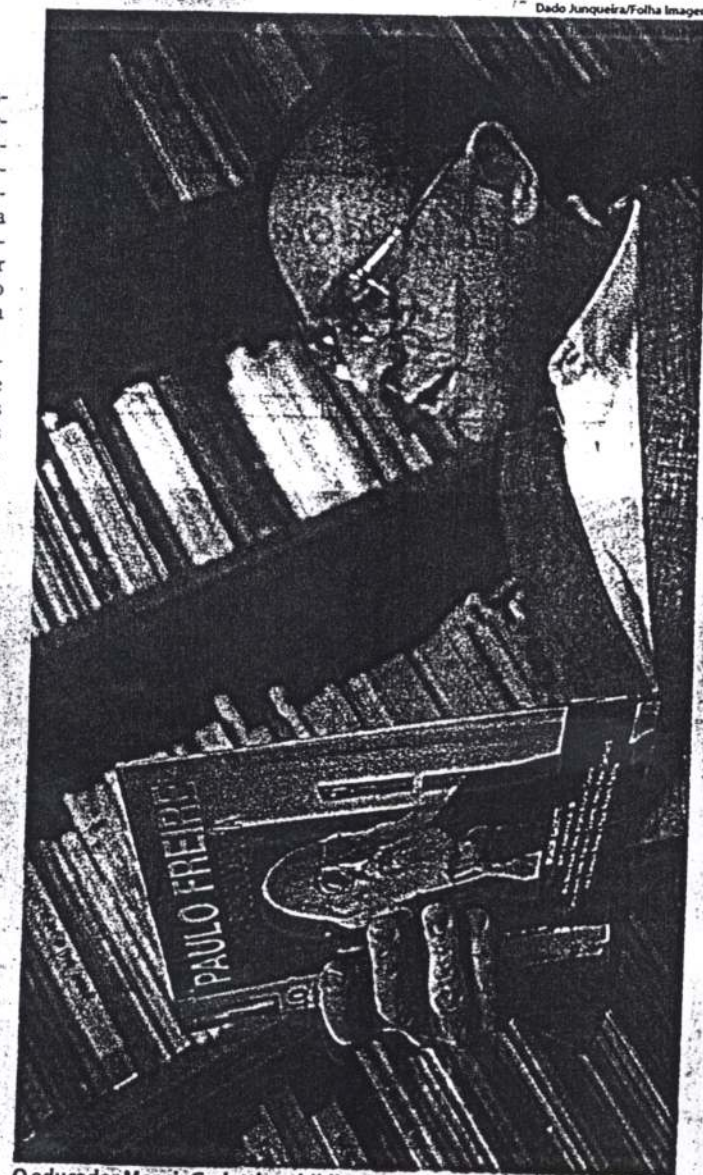
Folha - Por que um encontro internacional sobre Paulo Freire?

Gadotti - Queríamos fazer coincidir o primeiro ano da morte do Paulo com um encontro de estudiosos e educadores que pensassem o legado de Paulo, o que podemos aproveitar como uma das referências para construir o futuro do país e, ambiciosamente, da humanidade. Daí ser um encontro internacional.

Folha - E o que ele deixou, qual o legado de Paulo Freire?

Gadotti - Eu acho que, nas últimas obras, ele nos alertou para a idéia de sonho. Parece que há atualmente um discurso que não dá lugar para o sonho. Mas como se pode construir um futuro sem sonho?

Ele mesmo falava: “Estão dizendo que o desemprego é uma fatalidade. Poxa, será que não consegui-



O educador Moacir Gadotti, na biblioteca de Paulo Freire, em São Paulo.

mos sonhar uma sociedade sem desemprego? De repente, estamos aceitando a idéia de que o desemprego é estrutural.

Na expressão neoliberal, Paulo identificava uma sociedade sem sonho, uma sociedade que deixou de pensar a utopia, a história. Então, no fundo, ele deixou um legado de esperança, um legado de sonho, mas também uma teoria do conhecimento, uma busca rigorosa da verdade.

Folha - Na prática, qual está sendo a relação hoje entre isso e o que está acontecendo nas escolas?

Gadotti - O que acontece com a

sociedade está acontecendo com a escola também. A incapacidade de ela sonhar um projeto de vida e de sociedade, um projeto que ela mesma constitua, quer dizer, uma relação entre conhecimento e vida.

Paulo dizia que a gente tem que estar ensoopado de vida, tem que estar encharcado de afetividade.

Eu acho que nós embrutecemos o conhecimento nas escolas, reduzimos tudo às pequenas fórmulas que as pessoas têm que decorar. A escola se tornou chata. É preciso levar a escola para a vida. É preciso que a gente valorize demais a tecnologia hoje. Tecnologia é um instru-

mento. De que adianta ter 300 mil computadores nas escolas se você não dá vida a essas escolas?

Folha - Nesse sentido, como o sr. vê as reformas que estão sendo implantadas na educação?

Gadotti - Ouvi hoje o Paulo Renato (Souza, ministro da Educação) dizendo que a diminuição do analfabetismo se deve exclusivamente à melhoria do ensino fundamental (1º grau).

Eu acho que ele tem uma parcela de razão. Se nós formos verificar, os investimentos que foram feitos na escola fundamental influíram decisivamente na diminuição das taxas de analfabetismo.

Mas é metade da moeda. A outra metade é o seguinte: uma sociedade que não valoriza a educação não consegue eliminar o analfabetismo. Nenhuma sociedade consegue, realmente, universalizar o ensino fundamental se não der oportunidade para toda a sociedade.

Eu acho que o governo não está dando oportunidade para os jovens e os adultos terem uma educação fundamental.

O fundo (nova) sistemática de distribuição de recursos da educação) excluiu o trabalhador. Acho que nesse ponto o governo cometeu um equívoco e deve voltar atrás o mais rapidamente possível.

Folha - As esquerdas hoje não estão sendo capazes de criar novas alianças. Estão, de certa forma, se isolando. Como o sr. vê essa situação — já que Freire era nitidamente identificado com a esquerda?

Gadotti - Paulo Freire se dizia um menino conectivo. Ele unia os pobres e os não-pobres, os oprimidos e os não-oprimidos comprometidos com os oprimidos.

Eu acho que a esquerda precisa ler mais o Paulo Freire, para achar um pouco mais a conectividade.

Está sendo difícil construir essa alternativa — que existe. Se esses grupos tivessem um pouquinho mais de conectividade, mais amor pela causa e menos pelo partido... Paulo era mais amplo do que isso.

Folha - Qual seria um projeto pedagógico alternativo ao que está sendo chamado de neoliberal?

Gadotti - Eu acho que existem experiências acima de partidos e acima de ideologias, acima, pelo menos, dessa fragmentação partidária. Existem experiências vividas em prefeituras, em Estados e até dentro de universidades. As alternativas estão nas experiências que estão acontecendo.